



O «mistério do corpo falante»

Il «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

O corpo sintoma

Após ter abordado o sintoma em suas relações com a verdade e sob forma de metáfora, Lacan propõe uma definição do sintoma que se articula com o corpo: o sintoma é «um acontecimento do corpo»¹. Que o sintoma se escreve no corpo não é uma indicação nova para Lacan. Ela está presente desde o início de seu ensino. Basta verificá-lo em seu texto «Função e campo da fala e da linguagem» em que, de um lado, o sintoma já é colocado como o que se escreve sobre as areias da carne² e, de outro, ele é introduzido como o núcleo histérico da neurose, uma inscrição no corpo, portanto, que diz respeito a todo sintoma. Nessa época, também se constata uma elaboração da noção de acontecimento considerado como a reprodução subjetiva do passado no presente. Associe-se a isso a perspectiva, traçada desde 1953, da linguagem concebida por ele como «corpo sutil, mas é corpo»³. Então, o que muda entre o sintoma definido como inscrição no corpo e, mais de vinte anos depois, como acontecimento do corpo? Haveria uma mudança entre a concepção freudiana do sintoma como fixação pulsional, depois como satisfação substitutiva, e a concepção do sintoma por Lacan como modalidade de gozo do inconsciente? Notemos que a questão não é de mera doutrina, mas diz respeito sobretudo ao futuro do sintoma na análise. Com efeito, a formulação do sintoma como acontecimento do corpo indica outra coisa que uma sofisticação retórica. Mesmo se a idéia da qual Lacan partiu tenha sido a de que o sintoma é escrito no corpo, na época de «Função e campo da fala e da linguagem», ela dizia respeito a uma fala a ser recolhida e cuja inscrição «pode ser destruída»⁴. Nesse momento, Lacan se associa ao otimismo terapêutico dos inícios de Freud.

Agora, para perceber o que designa o sintoma como acontecimento do corpo, é preciso ir ao seminário «Os não tolos erram»⁵ em que Lacan sublinha que só há acontecimento a partir de um dizer. Essa nova concepção do acontecimento postula que este já não é a historização relativa ao simbólico, mas signo do real como o que se escreve para além do deciframento. É preciso também observar que no momento em que Lacan propõe a linguagem como «corpo sutil», introduz a disjunção entre o sujeito e o corpo. Com efeito, a definição do sujeito implica a cadeia dos significantes no inconsciente, mas não o corpo. E é a necessidade estrutural de passar para uma conjunção entre o significante e o gozo que leva Lacan a introduzir o conceito de ser falante que designa então o ser pelo gozo do corpo.

Mas poder-se-ia colocar a questão de saber em que o sintoma obsessivo como «pensamento do qual a alma se embaraça»⁶ é acontecimento do corpo. Ele o é na medida que o pensamento é gozo e só se goza porque se tem um corpo.

Nosso Encontro em Roma permitirá verificar a clínica psicanalítica que, sendo uma clínica de discurso, tem como visada uma modificação da substância gozante. Lacan não propôs a psicanálise como «dispositivo no qual o real toca o real»?⁷ Então: tratar-se-á de distinguir, a cada vez, entre fenômenos de corpo e acontecimentos de corpo, da entrada em análise ao final de uma análise. Os primeiros têm sua expressão no fenômeno psicossomático, a hipocondria, o despertar de um corpo que em sua essência é silencioso. Os segundos dizem respeito à *imixão* do significante no corpo, portanto, traço indelével, e à singularidade de uma solução, aquela dada por cada analisante diante do enigma do corpo e seu saber fazer sobre o gozo.

Luis Izcovich, 31 Janeiro 2010

Tradução: Sonia Alberti

¹ J. Lacan, «Joyce le symptôme», in *Autres Ecrits*, Paris, Seuil 2001, p. 569.

² J. Lacan, «Função e campo da fala e da linguagem», in *Escritos*. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1998, p. 302.

³ *Ibid.*, *idem*.

⁴ *Ibid.*, p. 260.

⁵ *Ibid.*, p. 260.

⁶ J. Lacan, «pensée dont l'âme s'embarrasse [...]», «Télévision» in: *Autres Ecrits*, Op. cit., p. 512; Trad. br. «Televisão», em *Outros Escritos*, Op. cit., p. 511.

⁷ J. Lacan, «...ou Pire» in *Autres Ecrits*, Op. cit., p. 542.